

Tania Maria Nunes de Lima Camara
Denise Salim Santos
Flávio de Aguiar Barbosa
Alexandre do Amaral Ribeiro
[organizadores]

LINGUA PORTUGUESA

Tradições e
modernidade

EDITOR:
Marcos Marcionilo

CONSELHO EDITORIAL:

Ana Stahl Zilles [Unisinos]

Angela Paiva Dionísio [UFPE]

Carlos Alberto Faraco [UFPR]

Egon de Oliveira Rangel [PUC-SP]

Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]

José Ribamar Lopes Batista Jr. [UFPA/CTF/LPT]

Kanavilli Rajagopalan [UNICAMP]

Marcos Bagno [UnB]

Maria Marta Pereira Scherre [UFES]

Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]

Roberto Mullinacci [Universidade de Bolonha]

Roxane Rojo [UNICAMP]

Sahna Tannus Muchall [PUC-SP]

Sirto Possenti [UNICAMP]

Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

Direção: ANDRÉIA CUSTÓDIO
Capa e diagramação: TELMA CUSTÓDIO
Revisão: THIAGO ZILIO PASSERINI

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

L727

Língua portuguesa : tradições e modernidade / organização Tânia Maria Nunes de Lima Camara ... [et al.] - 1. ed. - São Paulo : Parábola, 2019.

216 p. : 23 cm. (Linguagem) ; 85)

ISBN 978-85-7934-158-8

1. Linguística. 2. Língua portuguesa - Miscelânea. 3. Sociolinguística. I. Camara, Tânia Maria Nunes de Lima. II. Série.

18-54386

CDD: 469.02
CDU: 811.134.33

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Direitos reservados à
PARÁBOLA EDITORIAL
Rua Dr. Mário Vicente, 394 - Ipiranga
04270-000 São Paulo, SP
pabx: [11] 5061-9262 | 5061-8075 | fax: [11] 2589-9263
home page: www.parabolaeditorial.com.br
e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN 978-85-7934-158-8

© do texto: XII FELIN, 2019

© da edição: Parábola Editorial, São Paulo, fevereiro de 2019.

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
ANDRÉ NEMI CONFORTE	
Capítulo 1 Dos conceitos de ícone ao fenômeno discursivo da iconicidade	19
ANA LÚCIA MONTEIRO RAMALHO POLTRONIERI MARTINS	
Capítulo 2 A língua portuguesa na poesia musical e na prosa literária: aspectos semântico-estilísticos	31
ANDRÉ CRIM VALENTE, PAULO CÉSAR PINHEIRO, SALGADO MARRANHÃO	
Capítulo 3 O gênero game: possibilidades criativas de leitura.....	51
CAMILA MOURÃO DIAS	
Capítulo 4 A semiótica aplicada de extração peirciana no estudo das interpretações.....	61
CLAUDIO MANOEL DE CARVALHO CORREIA	
Capítulo 5 Aula de língua portuguesa: desafios para o século XXI.....	71
DARCILIA MARINDIR PINTO SIMÕES	
Capítulo 6 Regras que a gramática não ensina: contribuições ao ensino de produção de textos	85
HELENO FONSECA DE OLIVEIRA	
Capítulo 7 Literatura de cordel: das feiras livres às salas de aula	97
JANDUIH DANIAS	
Capítulo 8 Dicionário de epônimos e topônimos da língua portuguesa.....	107
JOHN ROBERT SCHMITZ	

- LENKE, J. E. (2002). *Travels in Hypermodality. Post-Communication*. London, v. 1, n. 3.
- MANOVICH, L. (2001). *The Language of New Media*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- MARCUSCHI, L. A. (2011). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial.
- ROJO, R. H. R. (2010). A teoria dos gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e os múltiplos mentos. In: DE PAULA, L.; STAFUTZA, G. (orgs.). *Círculo de Bakhtin: inter e intradiscursividades*, vol. 4. Campinas: Mercado de Letras.
- ROLLINGS, A.; ADAMS, E. (2003). *Andrew Rollings and Ernest Adams on Game Design*. [11]. New Riders. 1 CD-ROM.
- SALEN, K.; ZIMMERMAN, E. (2003). *Rules of Play*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- TRAVAGLIA, L. C. (2005). *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez.
- XAVIER, A. C. (2002). *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de comunicação digital*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp.

A SEMIÓTICA APLICADA DE EXTRAÇÃO PEIRCIANA NO ESTUDO DAS INTERPRETAÇÕES

CLAUDIO MANOEL DE CARVALHO CORREIA

INTRODUÇÃO

No final do século XVII, a palavra grega *semiotiké* foi introduzida na filosofia por John Locke (1632-1704), filósofo empirista inglês, como a designação para a doutrina dos signos em geral; doutrina desenvolvida em sua obra intitulada *Ensaio para o entendimento humano*, datada de 1690. No início do século XX, o filósofo-lógico-matemático Charles Sanders Peirce (1839-1914) retomou o termo *semiotiké* com o seu sentido original, porém como uma forma de filosofia científica da linguagem. Peirce dedicou toda a sua vida ao desenvolvimento de princípios e fundamentos para a criação da *semiótica*, a ciência geral dos signos ou ciência geral de todas as formas de linguagem.

Este capítulo tem como objetivo apresentar as bases teóricas da Semiótica desenvolvida por Peirce, considerado o pai da Semiótica Moderna, que estejam diretamente relacionadas com o conceito de interpretação. Normalmente, nas ciências humanas e sociais, os conceitos de interpretação, significação e representação são considerados sinônimos. Porém, na Semiótica de Peirce, em função da estrutura triádica de seu conceito de signo, *significação*, *representação* e *interpretação* devem ser entendidas como teorias e atividades distintas que revelam as diferentes funções dos elementos que compõem o signo na complexidade de geração

das semioses. Semiose é o termo chave para o entendimento da Semiótica desenvolvida por Peirce, termo que significa *ação e atividade dos signos*.

1. SEMIOSE E INTERPRETAÇÃO: A COMPLEXIDADE DA AÇÃO DOS SIGNOS E A EMERGÊNCIA DAS INTERPRETAÇÕES

Segundo Charles Sanders Peirce, a *semiose*, ou seja, a ação e atividade do signo, se caracteriza como um processo dinâmico, dialético e evolutivo. Nas teorias de Peirce, a atenção ao conceito de signo é de fundamental importância; ela revela as relações semióticas que emergem do complexo diálogo entre os três elementos que compõem o signo: o fundamento (ou *representamen*), o objeto e o interpretante. É dessa relação entre os três elementos que compõem o signo que Santaella (2002: 9-10) afirma emergirem as três teorias que estabelecem a função semiótica do signo: a *teoria da significação*, a *teoria da representação* (ou teoria da objetivação) e a *teoria da interpretação*. A teoria da significação está diretamente relacionada com o fundamento do signo. Nela, *significar* remete às propriedades que habilitam o signo a funcionar semioticamente. Essa teoria está diretamente relacionada com o fundamento (ou *representamen*) do signo. Na teoria da representação (ou objetivação), estão os modos de *representação* como o objeto é representado pelo fundamento. Esses modos de representação estão baseados na classificação dos signos em ícones, índices e símbolos. Assim, encontramos modos icônicos, indiciais e simbólicos e representação que definem as potencialidades de interpretação. A teoria da interpretação está diretamente relacionada com o terceiro elemento do signo; o interpretante. Vale ressaltar que o interpretante não é o intérprete caracterizado como o efeito do signo em mentes potencialmente interpretadoras. Assim, a partir dos modos de representação, emergem as potencialidades das interpretações, podendo ser de natureza sugestiva, indicativa ou representativa, em função do modo de representação apresentado pelo fundamento no processo de representação do objeto.

A semiose, entendida como um processo de interpretação que nasce da ação dos signos em mentes potencialmente interpretadoras, é, sobretudo, uma atividade característica da capacidade inata da espécie humana para a produção e recepção de signos em diferentes códigos e diferentes sistemas de linguagem. Daniel (1993), em seu *Messages and*

Meanings, afirma que os signos dependem de simples sistemas fisiológicos, sistemas que revelam a alta complexidade de estruturação simbólica em jogo nas relações entre sistemas fisiológicos e capacidade humana de abstração. Vale ressaltar que, através da aquisição gradual de um sistema simbólico, de um sistema de linguagem, a espécie humana descobre formas de representação e de adaptação ao meio, transformando, nesse processo, toda a vida humana. Esta capacidade inerentemente humana de abstração é responsável pelos signos produzidos pela espécie, que transformam o mundo real da experiência concreta em uma semiosfera na qual signos de diferentes naturezas se misturam para a estruturação de todo um universo semiótico que sustenta as culturas, as sociedades, as linguagens e, principalmente, os pensamentos, se partirmos do pressuposto de que formas de pensamento são estruturadas como formas de linguagem. Essa capacidade de criação, de recepção, de reprodução de signos de diferentes naturezas é exclusiva da espécie humana e a faz diferir de qualquer outro organismo existente na face da terra. O filósofo Ernst Cassirer (1977), consciente dessa diferença, amplia a definição clássica do homem de *animal racional* para *animal simbólico*, apontando, exatamente, para a característica que diferencia a espécie humana das outras espécies e, até mesmo, das máquinas mais sofisticadas encontradas no universo das novas tecnologias de comunicação e informação.

A semiose é o objeto de estudo da Semiótica e se caracteriza como um processo cujo início ocorre na apreensão dos fenômenos existentes na realidade cotidiana e em sua transformação em signo. Assim, começa a ficar claro que o processo de semiose é, em sua natureza, um processo de transformação da experiência em interpretação. Falar em semiose é falar, sobretudo, em ação e atividade; porém uma atividade cujas bases estão na transformação da realidade apreendida em signos. O fenômeno que é apreendido, percebido e sentido transforma-se em um mundo mental, psicológico e cognitivo, numa interpretação.

As pesquisas na área da Semiótica de Peirce têm como objetivo central estudar a ação e atividade dos signos. Este tipo específico de atividade foi, somente por volta de 1906, definido por Peirce como um campo específico de investigação, com possibilidade de estudo e intitulado com uma terminologia idiossincrática, característica encontrável em todos os trabalhos desenvolvidos pelo autor. A delimitação da semiose como um campo de investigação deu a autonomia necessária à semiótica para fundamentar-se como ciência, juntamente com as outras ciências humanas e sociais que emergiram no início do século XX. Na

história da delimitação da Semiótica como objeto científico de análise vale lembrar que Peirce intitulou a ação e a atividade dos signos como *semiose*, adaptando este termo, como observa Nöth (1995: 69), “de um tratado do filósofo epicurista grego chamado Filodemo”. Com a delimitação do objeto central da análise semiótica, a ciência geral dos signos chegou a um ponto de fundamental importância para seu desenvolvimento científico e evolução (Deely, 1990: 42).

Peirce observou que o desenvolvimento da Semiótica como uma forma de ciência, como área específica de conhecimento, exigia princípios teóricos de altíssimo nível de abstração para a análise desse objeto abstrato, dinâmico e dialético, caracterizado pela complexidade das relações que estabelece entre os três elementos que compõem o conceito de signo, e responsáveis pela função semiótica que exerce no domínio das linguagens. Baseando-se na observação das relações entre os três elementos signóicos que instauram em suas complexas relações as atividades de significação, de representação e de interpretação, o conceito de signo desenvolvido por Peirce acabou enfatizando o dinamismo e o processo evolutivo da geração das interpretações.

Nas relações triádicas encontradas no conceito de signo estruturado em fundamento, objeto e interpretante, nas propriedades internas do signo, ou seja, em sua qualidade, existência e lei, nos modos de representação icônica, indicial e simbólico, e nos níveis do interpretante divididos em emocional, energético e lógico, se torna evidente que as Categorias Formais da Experiência estão na base da teoria semiótica, estão em todos os níveis do processamento signóico, de forma recursiva, na qual as categorias da *primeiridade*, *secundidade* e *terceiridade* se fazem presentes, tal como um espelho que reflete outro espelho, revelando reflexos específicos em diferentes dimensões, mas cujo princípio emana de um único reflexo. Mesmo que nuances distintas de luminosidade, coloração e dimensão possam ser observadas nos reflexos, não há dúvidas de que possuem uma origem comum que emana de um reflexo único. O conceito peirciano de *faneroscopia*, sua fenomenologia, cujo objetivo era a observação do *phaneron*, isto é, dos fenômenos apreendidos na consciência, possui a potencialidade da recursividade que se espalha de forma harmônica por praticamente todas as teorias mais importantes legadas por Peirce. De seu sistema lógico das ciências ao seu conceito de signo, visto de forma microscópica nas nuances do três níveis de interpretante, as Categorias da Experiência estão presentes de forma recursiva, em princípios de alto nível de abstração, que são a base de estruturação da ciência semiótica e do seu conceito de signo.

Sob a recursividade das categorias fenomenológicas, a semiose, enquanto processo dinâmico e dialético que revela os mecanismos e estruturas de geração das interpretações, está fundamentada na relação de interdependência entre os três elementos da cadeia semiótica, revelando as três funções semióticas do signo, que possuem suas bases nas teorias da significação, da representação (ou objetivação) e da interpretação.

O processo de semiose, como o objeto delimitado para a análise das investigações da Semiótica de Peirce, nos fornece fundamentos epistemológicos para a análise da geração das interpretações e também para a observação das formas como ocorre a aquisição do conhecimento e da cognição no processo de semiose, no diálogo com os sistemas de linguagem. Segundo Deely (1990: 51), “já fica bastante claro que semiótica é o nome de um tipo distinto de investigação, distinto pela mesma razão que torna qualquer investigação distinta, isto é, seu objeto de estudo, no nosso caso, a semiose”.

A semiótica de extração peirciana, tendo como objeto central de estudo a semiose, nos deixa como legado para a análise das interpretações, do conhecimento e da cognição o entendimento de que todos os sistemas de linguagem que são interpretados são sempre e inegavelmente constituídos por signos. Para o entendimento da constituição dos sistemas de linguagem, precisamos, antes de tudo, entender que os signos são o núcleo do funcionamento dos sistemas de linguagem; o signo é o elemento que dá à linguagem a capacidade de exposição, de expressão; por outro lado, que também dá a esses sistemas organizados a possibilidade de representação, de transmissão de informação e que, por fim, permite às mentes potencialmente interpretadoras a possibilidade da interpretação. Não há como falar em linguagem sem falar em signo; é o signo que dá o poder de referencialidade aos sistemas de linguagem. Sem o estudo dos signos, não há como entendermos a constituição semiótica dos sistemas de linguagem e, principalmente, a forma como esses sistemas concretos de linguagem podem gerar interpretações nos diferentes níveis teorizados por Peirce.

2. EVOLUÇÃO E CRESCIMENTO DOS SIGNOS E AS ESTRATÉGIAS DE GERAÇÃO DAS INTERPRETAÇÕES

Santaella (1992: 305), em seu trabalho *Peirce's Semioses and the Logic of Evolution*, nos chama a atenção para a importância, nos dias de hoje, de uma versão muito particular do evolucionismo desenvolvida por Charles Sanders Peirce. A autora aponta para uma questão semiótica

que considera básica e, sobretudo, essencial no evolucionismo desenvolvido por Peirce e que, ao longo de anos, tem sido um vetor de desenvolvimento em seus trabalhos. Segundo ela, o evolucionismo está, desde o início, implícito na própria teoria geral do signo desenvolvida por Peirce, caracterizada pelas relações dinâmicas entre os três elementos que compõem o signo. Em suas palavras, “a semiótica é em si mesma uma lógica evolucionista”. Para entendermos esta afirmação, devemos observar a seguinte passagem: “The reason for that which constitutes the central argument of this paper is that evolutionism is, right from the beginning, implicit in Peirce’s notion of the sign. Further, what I propose is that semiotics is in itself an evolutionist logic” (Santaella, 1992: 1305).

A autora explicita a dimensão lógica inerente ao conceito de signo desenvolvido por Peirce. Tal conceito deve ser entendido como uma forma ordenada de funções processadas que ela define como um “embrião lógico” para as estratégias semióticas de crescimento e de evolução. A noção de “embrião lógico” revela que a ação da semióse, como forma de processamento semiótico fundamental para a definição das funções semióticas do signo, revela todo o movimento e a articulação entre os elementos que pertencem à estrutura triádica do signo. No jogo complexo dos sistemas de linguagem, os signos precisam ser entendidos como “embriões lógicos” (Santaella, 1992) que dão impulso à evolução dos signos e à geração contínua responsável pelo crescimento das interpretações. Nessa teoria, as interpretações não são estáticas, mas dinâmicas e evolutivas e crescem no jogo de relações lógicas entre os seus elementos, gerando dessa forma, interpretantes infinitos, que levam ao crescimento das interpretações. O processo de interpretação não é estático; antes depende das experiências sociais, culturais e psicológicas que as mentes potencialmente interpretadoras geram no diálogo com os signos.

Todo o sistema altamente organizado que podemos encontrar na semiótica de extração peirciana, que vai do sistema lógico das ciências, da teoria geral do signo às classificações sistematizadas desenvolvidas nas tricotomias dos signos, é impossível de ser entendido sem conhecimento profundo de sua fenomenologia, ou faneroscopia, na terminologia idiossincrática desenvolvida por Peirce. É na ação da semióse, no processo de contínua evolução, que seu conceito de signo, ou melhor, que o desenvolvimento do seu conceito de signo pode ser observado ao longo de seus manuscritos. Especificamente sobre esta questão, Coelho Neto (1990) destaca a complexidade formal que existe, especificamente, no segundo conceito.

As relações abstratas e a lógica que fazem parte de toda a sistemática teórica dos princípios desenvolvidos por Peirce apontam para a dinâmica de suas teorias, as categorias formais de sua fenomenologia. Segundo Santaella (1995: 23), o *engendramento lógico* entre os três elementos do conceito de signo, o fundamento (ou representamen), o objeto e o interpretante, nos descrevem as relações de mediação e de interdependência entre o fundamento, o objeto e o interpretante e também as relações de determinação do fundamento pelo objeto e do interpretante pelo fundamento. Esse engendramento lógico demonstra as relações de dependência e, sobretudo, de determinação entre os elementos que compõem o signo e, dessa forma, explica que as interpretações, como resultado direto dessas complexas relações de determinação, tendem sempre ao crescimento.

Santaella (1992: 1306) nos chama a atenção: “As I see it, emphasis of these aspects is necessary for the apprehension of the inevitable completeness of the sign, responsible for the process of continuous growth exercised by semioses”.

O conceito de signo, entendido como uma estrutura na qual ocorrem relações e abstrações entre seus elementos, harmonizadas pela natureza dinâmica do signo que define as determinações geradoras das funções semióticas e dos limites do sentido, é parcialmente explicitado na atenta análise do processo de semióse. A ação, a movimentação e todo o dinamismo do signo revelam-se na semióse, ou nas semióses particulares a cada sistema de linguagem, demonstrando as formas de relação necessárias entre os três elementos para a geração das interpretações. A partir dessas observações, fica claro que as atividades que realmente caracterizam a ação interpretadora são, ingavelmente, o crescimento e a evolução para patamares superiores de conhecimento, de pensamento, de cognição e interpretação.

Assim, a autora chega a uma constatação: “The sign is fated to grow, is bound to develop into an interpretant, which will develop into another and so on infinitely. The inevitably incomplete nature of any sign thus become evident. Its action is to grow, thus turning into another sign, to which is transferred the torch of representation” (Santaella, 1992: 1308).

Nessa perspectiva, o signo tem como destino e como direcionamento o crescimento, desenvolvendo-se em um interpretante que irá, posteriormente, desenvolver-se em outro interpretante, e assim, nos termos de Peirce, *ad infinitum*. A ação dos signos é, sobretudo, uma atividade de evolução e de crescimento, no qual um signo se transforma em outro signo, em um jogo de relações lógicas. O interpretante, terceiro elemento

do conceito de signo, cuja função semiótica é definida pela interpretação, realiza o processo de interpretação, sendo, também, elemento constituinte da própria cadeia semiótica de geração de signos.

Na atenta observação das conexões lógicas entre os três elementos do conceito de signo, a ação gerativa do interpretante é revelada em seu próprio processo de transformação; o interpretante gera outro signo-interpretante, em um processo de potencial crescimento na cadeia semiótica. O signo está destinado a crescer porque a transferência da representação por parte do interpretante significa que o signo é inevitavelmente incompleto em relação ao objeto que representa. Santaella (1992: 44) nos explica que “a transferência do facho da representação para o interpretante significa que o signo é sempre inevitavelmente incompleto em relação ao objeto que ele representa”.

A relação entre o fundamento do signo e o objeto representado por este fundamento surge de alguma qualidade do próprio objeto referido. O fundamento do signo faz referência ao objeto a partir de alguns níveis de qualidade e de aspectos que este objeto possui. Nas palavras da autora,

A ligação do signo ao objeto se dá sob algum aspecto ou qualidade. Quer dizer, o signo está ligado ao objeto não em virtude de todos os aspectos do objeto, porque se assim fosse, o signo seria o próprio objeto. Pois bem, ele é signo justamente porque não pode ser o objeto. Haverá, desse modo, muitos aspectos do objeto que o signo não tem poder de descobrir. O signo estará, nessa medida, sempre em falta com o objeto. Daí sua incompletude e consequente impotência. Daí sua tendência a se desenvolver num interpretante onde busca se completar (Santaella, 1995: 44).

Vale ressaltar: se o fundamento do signo abarcasse a totalidade das qualidades e aspectos que o objeto possui, em termos “lógicos”, ele se constituiria no próprio objeto, e dessa forma, não faria nenhum sentido a geração da interpretação, que deve ser produzida na mente do intérprete, ou seja, o interpretante. O interpretante, como terceiro elemento do conceito de signo, completa o jogo de relações que geram as interpretações carregadas com as inferências sociais e psicológicas da mente interpretadora. Mesmo os aspectos do objeto que o fundamento tem a capacidade de abarcar serão sempre incompletos quando comparados com a totalidade dos aspectos que o objeto possui, e é essa “incompletude” lógica, termo cunhado por Santaella (1992), que põe em movimento a geração do signo-interpretante, desenvolvendo de forma gradativa, na lógica das conexões entre os elementos, os signos-interpretantes no processo de semiose, gerando interpretações evoluídas, distintas dos fundamentos que as determinam,

criando de inferências sociais, psicológicas e culturais que emergem das inferências de mundo dos intérpretes no processo de interpretação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atenta análise de todo o processo de geração dos signos demonstra o impulso ao crescimento, à continuidade da atividade de interpretação e a evolução das interpretações para níveis superiores de pensamento, caracterizados pelas inferências de mundo do indivíduo. Quando Santaella (1992), não há separação clara entre a Semiótica e oolucionismo desenvolvido por Peirce. A teoria da evolução dos signos nasce espontaneamente ou independentemente. Ela é consequência direta de todo o sistema fenomenológico baseado nas categorias da experiência e na própria definição da Semiótica como doutrina formal dos signos. Nos tempos atuais, em meio à hibridização e mistura dos diferentes sistemas de linguagem nas novas tecnologias de comunicação e informação, nas distintas mídias, singulares em suas especificidades e funcionamento, podemos perceber que Peirce nos legou uma teoria do signo que é, sobretudo, um modelo com bases fenomenológicas capazes de sistematizar e organizar o movimento de sucessivo crescimento e evolução das interpretações que emergem dos diferentes sistemas de linguagem com os quais dialogamos diariamente. No diálogo diário com linguagens, signos e significações que saltam das telas das televisões; dos *notebooks*, *notebooks*, *desktops*, *displays* de celulares e *tablets*; de diferentes plataformas capazes de mesclar signos de diferentes naturezas, produzindo e reproduzindo linguagens de forma nunca antes vista, a Semiótica surge como uma ciência com os dispositivos de indagação e com o instrumental analítico necessário para o estudo da complexidade deste fenômeno.

O conceito de semiose, como modelo epistemológico, poderá servir de substrato teórico-metodológico para a análise de qualquer tipo de ação semiótica, em qualquer sistema de linguagem direcionado a mentes potencialmente interpretadoras com o objetivo de gerar interpretações dinâmicas. No mundo atual, marcado pelo desenvolvimento tecnológico e pela hibridização de linguagens que se corporificam e se expressam em diferentes plataformas e meios, torna-se evidente que o dinamismo e a evolução dos caracteres das teorias de Peirce são a marca desta geração submersa nas linguagens que é capaz de produzir, reproduzir e decodificar.

A semiótica, a ciência geral dos signos, fundada por Charles Sanders Peirce, nos dá instrumentos, com uma complexa fundamentação

teórica, para a análise e investigação das potencialidades de interpretação. Para Peirce, tudo o que é aprendido pela mente é aprendido com o caráter de signo; nesse sentido, o próprio pensamento é constituído como uma corrente de signos. Essa questão nos direciona ao problema central das teorias em diferentes áreas do conhecimento que investigam os processos interpretativos, demonstrando, de forma precisa, devido aos princípios lógicos subjacentes à teoria semiótica, a necessidade de conhecimento das teorias semióticas por parte de outras áreas do conhecimento que lidam com os fenômenos humanos da interpretação.

Existe uma complexidade no pensamento de Peirce e, também, na organização de seus trabalhos em diversas publicações que acabam criando uma série de descentendimentos sobre seu conceito de Semiótica e seu conceito de signo; principalmente quando o conceito de signo e seus elementos são aplicados sem o conhecimento necessário das bases fenomenológicas que funcionam como matrizes para a estrutura do signo e para a classificação dos signos. Isso se torna um grande problema para toda escola peirciana, e, como observa Santaella (1993), em especial para os jovens pesquisadores que se interessam em aplicar os fundamentos e teorias da Semiótica de Peirce em sistemas concretos de linguagem.

O conhecimento da teoria geral do signo desenvolvida por Peirce, de sua estrutura triádica, do dinamismo e evolução, permite que o uso da semiótica de extração peirciana e de seus princípios em alto nível de abstração possa abrir novas perspectivas para o estudo de casos relacionados com déficits de aprendizagem e de linguagem e também para a compreensão das singularidades e particularidades relacionadas com os fenômenos de interpretação.

4. REFERÊNCIAS

- CASSIRER, E. (1977). *Antropologia filosófica*. São Paulo: Mestre Jou.
- COELHO NETTO, J. T. (1990). *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo: Perspectiva.
- DANESI, M. (1993). *Messages and Meanings: an Introduction to Semiotics*. Toronto: Canadian Scholar's Press.
- DEELY, J. (1990). *Semiótica básica*. São Paulo: Ática.
- NÓTH, W. (1995). *Panorama da semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume.
- PEIRCE, C. S. (1931-1958). *Collected Papers*. C. Hartshorne, P. Weiss, A. W. Burks (orgs.). Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- (1980). *Escritos coligados*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- SANTAELLA, L. (1992). "Peirce's Semiotics and the Logic of Evolution". *Signs of Humanity: Thomism et ses signes*. Berlim: Mouton de Gruyter.
- (1993). "Difficulties and Strategies in Applying Peirce's Semiotics". *Semiotica*, Walter de Gruyter, n. 97, p. 401-410.
- (1995). *A teoria geral dos signos: semiose e auto-geração*. São Paulo: Ática.
- (2002). *Semiótica aplicada*. São Paulo: Thomson.

Capítulo 5

AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA: desafios para o século XXI

DARCILIA MARINDIR PINTO SIMÕES

COMPONDO O CENÁRIO

Em *Como viver em tempo de crise*, Morin e Viveret levantam uma série de indagações preocupantes. Dentre elas, destaquei:

Como sair positivamente desse ciclo da modernidade ocidental, preservando o melhor? Como compreender, escutar, reencontrar o melhor das sociedades e civilizações tradicionais, ao mesmo tempo mantendo a lucidez de que nelas existe o pior? Como preservar, por exemplo, a emancipação, no sentido forte da palavra; a liberdade de consciência; a individualização, que não se reduz em absoluto ao individualismo; os direitos dos homens e, nestes direitos, os direitos das mulheres? Em compensação, como romper com todas as formas de dominação, imperialismo, colonialismo, coisificação, nas relações com os seres vivos, nas relações com a natureza, nas próprias relações inter-humanas?

A partir dessas questões, início minha apresentação falando em crise. Das crises apontadas pelos filósofos em foco, pode-se extrair um conjunto de metas que propiciariam a mudança social:

- criar um novo paradigma social, revisitando a tradição e dela extraindo apenas o que tem de positivo;
- preservar a liberdade de consciência e a individualização, sem descuidar dos direitos das pessoas e da natureza;
- observar, escutar, compreender a si mesmo e ao entorno;
- desconstruir a filosofia do ter em detrimento do ser;
- apetrechar-se para essa luta.